

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXVI nº 1532 | 15/03/2021 a 28/03/2021

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

PISCICULTURA

LIDERANÇA (MAIS DO QUE) CONSOLIDADA

Paraná amplia hegemonia na produção nacional de peixes de cultivo. Tilápia daqui está na mesa dos brasileiros e de outros países

sistemafaep.org.br

Aos leitores

Apesar dos obstáculos impostos pelo novo coronavírus, o setor agropecuário tem obtido inúmeras conquistas que merecem ser celebradas. Você tem lido aqui nas páginas do Boletim Informativo notícias alvissareiras, como recordes de exportação, no desempenho em grãos e nas atividades pecuárias. Nesta edição, mais um motivo para comemorar: a piscicultura do Paraná ampliou a sua liderança em âmbito nacional. Somos, com grande margem, o Estado que mais produz peixes de cultivo no Brasil.

Não foi fácil, é verdade. No primeiro semestre do ano passado, o setor patinou em razão das restrições provocadas pela pandemia. No segundo semestre, no entanto, a piscicultura paranaense acelerou seu ritmo e terminou 2020 crescendo quase o dobro da média nacional. O nosso grande destaque, claro, é a tilápia, produzida em larga escala, a partir da estruturação da cadeia, com grande participação do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Para os próximos anos, as perspectivas são de crescimento contínuo. Ainda há um grande volume de lâminas d'água no nosso Estado que podem ser explorados pela piscicultura. Se você aprecia uma boa tilápia – seja em filé, na moqueca ou no ceviche –, orgulhe-se: muito provavelmente você está consumindo um produto produzido em terras – ou melhor, em águas – paranaenses.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Nelson Natalino Paludo, Nery José Thome e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita
Diretor Financeiro: Paulo José Buso Júnior e Ivo Pierin Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Gerson Magnoni Bortoli.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | **Presidente:** Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Marcos Junior Brambilla (Fetaep), Rosanne Curi Zarattini (Senar AC), Darcy Piana (Fecomércio) e Nelson Costa (Ocepar) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto | **Superintendência:** Débora Grimm

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal
Projeto Gráfico e Diagramação: Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach
Contato: imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1532:

Fernando Santos, Rebeca Nogueira, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE



LIDERANÇA NA PISCICULTURA

Paraná amplia a hegemonia na produção de peixes de cultivo no Brasil, de olho no consumo interno e nos mercados internacionais

PÁG. 18

LIVRE DE AFTOSA

OIE concede parecer favorável ao Paraná, que aguarda o reconhecimento de área livre da doença sem vacina em maio

Pág. 3

NOVA DIRETORIA

Em evento *online*, nova diretoria da FAEP tomou posse para a gestão 2021/24, com reforço na defesa do produtor

Pág. 4

MERCADO

Economista Alexandre Mendonça de Barros aponta para um cenário favorável ao agro brasileiro, por conta do dólar alto

Pág. 8

REPRESENTATIVIDADE FEMININA

Em *live* do Sistema FAEP/SENAR-PR, mulheres debatem ações no campo e a necessidade do trabalho conjunto

Pág. 10

PAP 2021/22

FAEP, sindicatos rurais e outras entidades do setor elaboram propostas prioritárias para o agronegócio do Paraná

Pág. 12

OIE concede parecer favorável ao Paraná

Em maio, na Assembleia da OIE, Estado vai ser reconhecido como área livre de febre aftosa sem vacinação e zona livre de peste suína clássica



O Paraná está ainda mais próximo de conquistar o reconhecimento de área livre de febre aftosa sem vacinação. Em março, a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), após avaliação técnica, deu parecer favorável para o reconhecimento do Estado como área livre da doença sem vacinação e também como zona livre de peste suína clássica independente. Ainda, no pleito de zona livre de aftosa, os Estados do Rio Grande do Sul e do Bloco I (Acre, Rondônia e parte do Amazonas e do Mato Grosso) também receberam parecer favorável.

Diante da avaliação técnica positiva, o Paraná está habilitado para receber o reconhecimento internacional, durante a 88ª Sessão Geral da Assembleia Mundial dos Delegados da OIE, que ocorrerá no período de 22 a 28 de maio deste ano, no formato virtual.

“Ao longo das últimas décadas, nós conseguimos, com um trabalho conjunto, vencer todas as etapas. Agora, é aguardar o mês de maio para receber o reconhecimento internacional e abrir novos mercados para os produtos paranaenses, afinal, vamos alcançar o mais alto patamar de segurança alimentar”, afirma Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR.

De forma prática, os Estados e regiões atenderam aos requisitos básicos sanitários, como aprimoramento dos serviços veterinários oficiais e implantação de programa estruturado para manter a condição de livre da doença, entre ou-

tros, alinhados com as diretrizes do Código Terrestre da OIE. O processo de transição de zonas livres de febre aftosa com vacinação para livre sem vacinação está previsto no Plano Estratégico do Programa Nacional de Vigilância para a Febre Aftosa (Pnefa), conforme estabelecido pelo Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (Suasa).

Trabalho do Sistema FAEP/SENAR-PR

A conquista do reconhecimento internacional pelo Paraná passa diretamente por um trabalho intenso do Sistema FAEP/SENAR-PR nas últimas décadas. Desde os anos 1970, a entidade participa ativamente da estruturação do sistema sanitário do Paraná, de forma aliada com o poder público e o setor produtivo.

Só de 1997 a 2019, o Sistema FAEP/SENAR-PR investiu US\$ 10,2 milhões no fortalecimento dessa rede, fomentando a participação em reuniões e congressos de órgãos internacionais e estimulando a criação de políticas públicas que colocassem os produtos paranaenses em outro patamar de qualidade.

“O trabalho conjunto de todos os elos da cadeia produtiva do Paraná e poder público foram fundamentais para chegarmos até esse momento. E, em maio, aguardamos a coroação de todas as ações destas últimas décadas”, ressalta Meneguette.



Livaldo Gemin, Marcio Nunes, Ágide Meneguette e Antonio Carlos Senkovski

“Nosso compromisso é continuar a defender o produtor rural”

Nova diretoria da FAEP toma posse para o triênio 2021-24, com foco no fortalecimento de sindicatos e empunhando bandeiras do setor

A nova diretoria da FAEP reafirmou seu compromisso de continuar a luta pelos interesses dos produtores rurais do Paraná. Em cerimônia de posse, realizada em 11 de março, por videoconferência, o presidente reeleito da entidade, Ágide Meneguette, também elencou prioridades do setor para o triênio 2021-24, em que a Federação deve caminhar ao lado dos governos estadual e federal, somando esforços para avançar em temas que afetam diretamente o setor agropecuário e para obter novas conquistas.

“Ser eleito significa aceitar um compromisso de continuar a defender os interesses do produtor rural e de sua família”, resumiu Meneguette.

Ressaltando essa aliança, participaram da solenidade o deputado federal Ricardo Barros (líder do governo na Câmara dos Deputados); o deputado federal Sérgio Souza (presidente da Frente Parlamentar Agropecuária); e o secretário de Estado do Desenvolvimento Sustentável e do Turismo, Marcio Nunes. A posse também contou com uma palestra do economista Alexandre Mendonça de Barros, professor da Fundação Getúlio Vargas e da Fundação Dom Cabral (leia mais sobre a palestra na página 8). Presidentes e diretores de mais de 100 sindicatos rurais de todo o Paraná participaram da cerimônia.

Em seu discurso, Meneguette destacou a importância do programa de Sustentabilidade Sindical para a manutenção da

força do sistema. Lançado em 2018 como forma de estimular os sindicatos a desenvolverem ações que lhes deem autonomia ante o fim da contribuição sindical obrigatória, o programa tem atuado com uma série de ações, que inclui cursos e consultoria direta, com o objetivo de fazer com que cada sindicato rural conquiste autonomia.

“Este ano, continuaremos a desenvolver este programa, que tem dado resultados. Mesmo que seja *online*, os cursos de liderança vão prosseguir. Logo que a pandemia permitir, voltaremos com os cursos presenciais”, adiantou o presidente da FAEP.

Meneguette também destacou os avanços trazidos pelo programa Descomplica Rural, lançado pelo governo do Paraná e que agilizou a análise de licenciamentos ambientais de empreendimentos rurais no Estado. O líder também manifestou preocupação em relação a questões ambientais e à Reforma Tributária, que está para ser votada no Congresso. Ele também comentou o ano de superação do agronegócio paranaense, que terminou 2020 com ótimos resultados – com recordes de produção e exportação –, apesar dos reflexos causados pela pandemia do novo coronavírus.

“O nosso setor soube se sair muito bem nesta fase da pandemia. Os preços foram bons e, de um modo geral, o produtor soube tirar proveito. Contudo não sabemos como serão este ano e o próximo”, disse o presidente da FAEP.

Reforma tributária

O deputado **Ricardo Barros** traçou um panorama sobre as perspectivas de votação da reforma tributária. Segundo o líder do governo, o relator do projeto – o deputado Agnaldo Ribeiro – já está com seu parecer pronto. Entretanto há uma discussão sobre em que casa legislativa a proposta deve começar a tramitar: se pelo Congresso ou se pelo Senado. “Ele [Ribeiro] não quer apresentar o relatório para que um senador assumo o relatório e faça a votação. Se começar pela Câmara, em duas semanas estaremos votando o relatório na comissão especial”, disse.

Segundo Barros, no entanto, as discussões não devem ser tão simples. A tendência é de a criação de um imposto de valor agregado, com três alíquotas diferentes – a depender de como os debates se aprofundem no Congresso. “Devemos ficar uns quatro meses discutindo. É um tema muito complexo, com resistência dos Estados em perder a Lei Kandir [que prevê a isenção tributária na exportação de produtos primário], com os municípios não querendo abrir mão do ICMS [Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação]. Tudo isso é um dificultador”, pontuou.

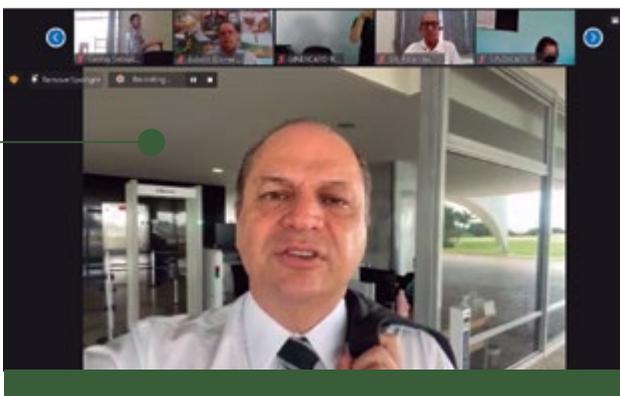
O deputado também exaltou o protagonismo dos agentes políticos e da FAEP na defesa do Estado. “O posicionamento da FAEP sempre foi muito corajoso quando os interesses do Paraná estão em jogo. Temos deputados em condições de destaque e minha condição e líder do governo me permite ajudar muito que os interesses do nosso Estado sejam ouvidos”, disse.

Meio ambiente

O presidente da FPA, **Sérgio Souza**, destacou uma situação preocupante: decisões judiciais que têm entendido que o Código Florestal não se aplica ao Bioma da Mata Atlântica. O deputado revelou que, em 10 de março, a Frente Parlamentar Agropecuária se reuniu com o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, e com o corpo técnico do Ibama, para discutir o entrave. A intenção é de que esse diálogo resulte em uma saída que contemple os anseios do produtor rural.

“Até o final de março, vamos ter um diagnóstico com a posição do Ministério, com uma normatização ou alteração legislativa. Só no Paraná, temos mais de 1 milhão de hectares que seriam afetados. É inadmissível imaginarmos que a reserva de manejo que tínhamos no passado não é a mesma coisa que a reserva legal estabelecida no Código Florestal. É inadmissível que o Código Florestal não se aplique à Mata Atlântica”, disse.

Souza também ressaltou que a FPA deve trabalhar com objetivo de melhorar a imagem de setor agropecuário perante a sociedade brasileira e no exterior. Para isso, a Frente estará aberta ao diálogo e trabalhando sempre com estudos técnicos e informações qualificadas. “É o próprio brasileiro que fala mal do nosso produto lá fora. Plantam notícias em detrimento do setor que mais dá resultado positiva à balança comercial, que mais gera emprego e renda e que tem mais peso no PIB”, afirmou. “Vamos visitar todas as embaixadas que têm sede em Brasília e conversar com as embaixadas brasileiras em países que nos interessam”, acrescentou.



Descomplica Rural

Marcio Nunes, por sua vez, destacou os avanços trazidos pelo Programa Descomplica Rural no que diz respeito à agilidade na concessão de licenciamentos ambientais ao setor agropecuário – principalmente, na avicultura, suinocultura e piscicultura. Ele mencionou o exemplo de uma agroindústria, que demoraria dez anos para obter as licenças de suas granjas, mas que, com o programa, obteve as concessões em apenas quatro meses.

“O Descomplica Rural foi um grande avanço. Vemos o avanço das granjas de suínos, de frango e da piscicultura, essa última, atividade que vêm se expandindo em uma velocidade estrondosa. Em cima disso, a indústria também vem se expandindo”, apontou.

O secretário também anunciou que o governo do Paraná deve lançar em breve um programa semelhante, voltado à desburocratização da concessão de licenciamentos no setor de energia sustentável – em uma iniciativa que conta com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR. Além disso, Nunes apresentou o posicionamento do governo estadual em relação à concessão da malha rodoviária paranaense. Segundo ele, o Paraná quer o mesmo modelo defendido pela FAEP.

“Queremos o menor preço de pedágio, sem outorga, com garantia de duplicações [de rodovias] e, no mínimo, 50% de desconto da tarifa que temos hoje. Isso para começar o jogo. Esse é o modelo que o governo do Estado quer”, disse. “O governo federal [que é responsável pela concessão] tem o modelo dele. Pode ser bom, mas para o Paraná, não serve”, opinou.



Marcio Nunes falou sobre o Descomplica Rural



Milhões de formados

Em 2007 – após 15 anos de serviços prestados –, o SENAR-PR superou a marca de um milhão de certificados expedidos a participantes de seus cursos de Formação Profissional e de Promoção Social. Na ocasião, o catálogo da instituição dispunha de mais de 200 títulos de capacitações, ofertadas gratuitamente em todo o Paraná e voltadas a produtores e trabalhadores rurais, nas mais diversas cadeias produtivas de destaque no Estado.

A marca foi um dos destaques da edição 986 do Boletim Informativo, publicado em dezembro de 2007. Os números do SENAR-PR tinham sido apresentados durante o encerramento do Programa Empreendedor Rural (PER). Na ocasião, o presidente da FAEP, Ágide Meneguette, e o então vice-governador do Paraná, Orlando Pessuti, entre outras autoridades, fizeram a entrega simbólica do milionésimo certificado a cinco alunos do SENAR-PR.

Hoje, ao longo de 28 anos de história, o SENAR-PR já certificou mais de 3,5 milhões de produtores, trabalhadores rurais e familiares. Até o fim do ano passado, mais de 2,8 milhões de pessoas haviam se formado em cursos de qualificação rural e 567,2 mil tinham passado por programas de promoção social. Além disso, outros 116,2 mil participaram de programas de formação de agentes externos.

O SENAR-PR segue firme na missão de levar qualificação profissional e promoção social a todos os cantos do Paraná.

SENAR-PR como parceiro de jornada

Cursos da entidade ajudaram estudante de agronomia a encontrar o rumo da sua carreira



Às vezes, o SENAR-PR entra na nossa vida quando menos esperamos. E que grata surpresa ter ao nosso lado esse companheiro de caminhada, que nos entrega seu conhecimento sem pedir nada em troca, nos tornando profissionais melhores e cidadãos mais conscientes.

No caso do jovem Tiago Wizintener, do município de Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), esse encontro ocorreu quando estava cursando Agronomia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Durante estágio na prefeitura de Colombo, Wizintener acompanhou a realização de diversos cursos do SENAR-PR junto aos produtores rurais locais, que respondem por parte significativa do abastecimento de frutas e hortaliças da capital paranaense.

Esse contato direto com as capacitações e os resultados práticos obtidos por aquele público produtor despertaram a curiosidade do jovem. Mais que isso, colocou diante de Wizintener a possibilidade de aprofundar alguns conteúdos que eram tratados muito rapidamente na universidade.

“Na sala de aula da PUC, a gente tem uma pincelada, porque é muito conteúdo, não dá para entrar em tudo. Mas no SENAR-PR, eu pude estudar mais profundamente alguns conteúdos que me interessavam, o que acabou confirmando a minha paixão”, afirma.

A paixão no caso refere-se ao sistema Integração Lavoura Pecuária Floresta (ILPF), que associa diversas atividades em uma

mesma área, proporcionando benefícios mútuos. No SENAR-PR não existe uma única formação específica nesta área. Então, o caminho trilhado por Tiago foi fazer diversos cursos para aprimorar os conhecimentos necessários para atuar neste sistema.

“Acredito que eu tenha feito mais de 15 cursos. O fato de ser gratuito é muito importante para nós, que somos estudantes”, revela o jovem.

Diferente de muitos alunos do SENAR-PR, Wizintener não possui propriedade, tampouco ligação familiar com o meio rural. “Fui buscar a Agronomia porque gosto. Foi um desafio imposto pela minha esposa também. Tínhamos acabado de casar e ela me cobrou que fosse estudar. Como sempre gostei desse contato com a natureza, fui para essa área”, recorda.

Nesse caminho, no qual todo um universo se apresentou diante dele de uma só vez, o SENAR-PR fez diferença na hora de encontrar um foco. “Ajudou a definir o que eu queria da carreira. A agronomia tem um leque muito grande, por isso eu não tinha muita certeza do que eu queria. Por meio dos cursos do SENAR-PR que defini um norte”, conta.

Wizintener graduou-se engenheiro agrônomo em fevereiro de 2021 e já está trabalhando na área. Desde setembro do ano passado atua em uma *startup* voltada ao agronegócio. “Os cursos do SENAR-PR são um diferencial para quem está começando essa jornada profissional”, finaliza.

Agropecuária brasileira vive momento inédito

Apesar do cenário positivo, Alexandre Mendonça de Barros recomenda cautela por causa do custo com insumos e preços inflados de ativos rurais



Mendonça de Barros acredita na continuidade da demanda internacional pelos produtos agropecuários do Brasil

Com a alta expressiva dos preços das *commodities* e a valorização do dólar frente ao real, a agropecuária brasileira vive um momento único na história. O panorama foi apresentado pelo especialista em agronegócio Alexandre Mendonça de Barros, durante a posse da diretoria da FAEP, no dia 11 de março, realizada de forma *online*.

Dados apresentados por Mendonça de Barros indicam que 2020 foi extraordinário para o campo. Nos últimos quatro anos, os rendimentos agropecuários giraram em torno dos R\$ 600 bilhões por temporada. De 2019 para 2020, foi registrado um crescimento de 10,6%, atingindo R\$ 689 bilhões. Se as projeções para a safra 2020/21 se concretizarem, a renda agropecuária pode fechar 2021 na casa dos R\$ 939 bilhões, o que representa um salto de 36,3%. “Não há precedente histórico para o que estamos vivendo na história da economia agrícola”, avaliou.

Segundo o especialista, a recuperação da demanda em vista da retomada do crescimento econômico em países cuja vacinação já está em um patamar mais avançado, como os Estados Unidos, gera uma expectativa positiva para as expor-

tações do Brasil. Ainda, há a mudança da postura de comércio global, com a tendência de menos conflito no mercado e mais fluidez nos negócios.

Depreciação do real

No cenário global, a pandemia do novo coronavírus aqueceu a demanda mundial por *commodities* agrícolas, sustentando os preços. Mas, a taxa de câmbio também garantiu a renda dos produtores rurais brasileiros. A depreciação do real manteve em alta os preços dos produtos exportáveis, principalmente da soja, e tornou a logística brasileira mais barata, aumentando a competitividade do país.

Neste contexto, Mendonça de Barros destacou, como um dos motivos, a explosão do déficit fiscal do governo federal, que vem acontecendo desde o ano passado. “Com a economia em decadência, houve a necessidade de fazer um voucher [auxílio emergencial], que foi uma política fiscal muito importante para segurar a queda do PIB [Produto Interno Bruto]. No entanto, gerou um crescimento do endi-

vidamento e, conforme isso foi subindo, o real continuou se depreciando”, apontou.

Ainda, o quadro de depreciação do real associada à alta do preço das *commodities* gera um forte cenário inflacionário. Segundo análise do especialista, todos os estudos estão convergindo para uma inflação superior às expectativas – acima de 5% até o final de 2021.

“Há um ciclo de elevação na inflação e, portanto, da visão da alta da taxa de juros para conter este cenário inflacionário”, pondera. “O fato de a vacinação estar atrasada no Brasil também gera uma percepção por parte dos agentes econômicos que a atividade econômica vai perder força”, complementou Mendonça de Barros.

Com os novos decretos de *lockdown*, o alto índice de desemprego, o crescimento expressivo do custo de vida e novos gastos públicos com o auxílio emergencial, o índice de confiança do mercado econômico brasileiro se abala, o que reforça este cenário de depreciação do real, principalmente em relação ao dólar, e preços internos elevados.

Apesar do momento favorável para o agronegócio brasileiro, Mendonça de Barros recomenda cautela, principalmente devido à elevação de custos com insumos agropecuários e preços inflados de ativos importantes para o produtor rural, como terras e maquinários.

Demanda e estoque

Diante da retomada da demanda mundial, o especialista alerta para os estoques globais. As projeções de estoques de soja dos EUA para o fim do ano-safra, em agosto, estão extremamente baixas, principalmente por causa da China, que vem comprando um alto volume da oleaginosa norte-americana.

Desde o surto de Peste Suína Africana (PSA), a China passou pelos maiores investimentos na história de sua suinocultura, com a reconstrução de rebanho totalmente pautada em cima de ração – o que levou a uma dinâmica de compra mais agressiva no mercado de soja e também de milho, visto que a demanda chinesa está superando a produção interna.

Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o país possui um estoque de apenas 3 milhões de toneladas de soja, comparado aos 17 milhões de agosto de 2020. No mesmo período, os estoques norte-americanos de milho também sofreram uma redução significativa, de 70 milhões de toneladas para 38 milhões.

“Este cenário de estoques baixos deixa o mercado tenso. Mesmo que as próximas safras no Hemisfério Norte sejam relativamente boas. A tendência é continuar com estoques baixos, apertados e perigosos. Qualquer risco climático pode gerar uma tensão muito grande”, advertiu Mendonça de Barros.

Para o setor sucroenergético, o especialista avaliou que há um movimento importante de preços do açúcar no mercado mundial, com ofertas menores. A elevação no preço do petróleo e o real depreciado também pressionam o preço do álcool. Para o café, há a volta da demanda das cafeterias na Europa e nos EUA, diante de uma safra reduzida em razão da seca, associada ao aumento de preços.

“Há um ciclo econômico favorável lá fora, junto com o aumento de demanda e, portanto, corrobora para preços elevados”

**Alexandre Mendonça de Barros,
especialista em agro**

Pecuária

Diante do cenário econômico positivo para o mercado de grãos, o setor de proteína animal também vem se beneficiando com a alta do dólar. “O choque de preços vem impulsionando a elevação do preço da proteína animal em todo o mundo. Há um ciclo econômico favorável lá fora, junto com o aumento de demanda e, portanto, corrobora para preços elevados”, explicou Mendonça de Barros.

A suinocultura brasileira foi impactada positivamente com o aumento de demanda da China ao longo de 2019. Apesar da recuperação do país do surto de PSA e o início da reconstrução do rebanho chinês em 2020, há indícios que uma segunda onda da doença reverta o ciclo. Segundo Mendonça de Barros, a sinalização clara é a redução da oferta interna chinesa. “Isso é importantíssimo para as exportações brasileiras de suínos, de frango também, o que mantém o mercado doméstico enxuto e preços elevados para compensar o custo da ração”, assinalou.

Na pecuária de corte, o especialista avaliou o momento como “exuberante em termos de formação de preços e um reinado absoluto para o criador de bezerros”. Os altos preços e a escassez de oferta de bezerros induziram uma forte retenção de fêmeas, o que encurtou a oferta de gado. “O que deve manter preços elevados para a pecuária é a dinâmica do mercado internacional, com maior demanda, alto preço da arroba e real depreciado”, frisou.

Conforme a análise de Mendonça de Barros, a Austrália vive um ciclo semelhante de retenção de carne e redução das exportações, o que pode beneficiar bastante o Paraná. “A carne bovina australiana tem uma presença importante em países como China e Japão, que pagam mais. Com isso, há a possibilidade de abertura de mercados, o que vai levar a pecuária paranaense a um novo patamar, junto também de um aval sanitário muito importante”, concluiu.

O campo é cada vez mais feminino



Em *live* promovida pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, protagonistas compartilham histórias e discutem a representatividade feminina no agronegócio

A representatividade das mulheres no agronegócio foi o tema central de uma transmissão ao vivo realizada pelo Sistema FAEP/SENAR-PR, no dia 9 de março, em homenagem ao Dia Internacional da Mulher. O evento reuniu mais de 300 espectadoras.

O campo é cada vez mais feminino, segundo as participantes da *live*. As mulheres estão em postos de chefia, gerindo empreendimentos, fazendas e também trabalhando no próprio negócio. Elas já fazem parte do universo rural, mas, segundo as próprias participantes, falta ocupar seu lugar de direito. Felizmente, diversas iniciativas têm mostrando que elas vêm ganhando esse espaço.

A transmissão começou com uma apresentação da cantora Vicka, paranaense de Cascavel que estourou nas

paradas brasileiras em 2020 com a canção “Pausa”. Na sequência, a presidente do Sindicato Rural de Teixeira Soares e coordenadora da Comissão Estadual de Mulheres da FAEP, Lisiane Rocha Czech, saudou as mulheres que fazem parte desse universo.

Palestra

Para falar de protagonismo e da liderança femininas no meio rural, Mariely Biff, consultora em sucessão familiar há mais de 10 anos e coautora do livro “Mulheres do Agro”, sobre sucessoras, executivas e líderes inovadoras do agronegócio, ministrou uma palestra sobre a representatividade feminina no campo.



Segundo ela, as mulheres administram hoje 30 milhões de hectares em todo país. “Pensamos no que precisa ser feito, mas não podemos esquecer daquilo que a gente já conquistou”, afirmou.

Na opinião de Mariely, o caminho para aumentar a representatividade e a participação feminina acontece por meio da empatia e do acolhimento, incentivando mais mulheres a acreditarem nos seus sonhos. Além do desafio de enfrentar as tradições machistas, é necessário encarar outro ponto. “Muitas mulheres têm medo de rejeição, às vezes porque já foram rejeitadas, então elas se fecham, se bloqueiam. Não façam isso, acreditem mais em vocês”, afirmou.

Depoimentos

Na sequência foi a vez do depoimento da produtora Sueli Bachim, que falou da sua experiência à frente do Sindicato Rural de Uraí, na região Norte do Paraná. Logo que assumiu a presidência, deparou-se com o primeiro desafio: uma ordem judicial ordenava o leilão da sede do sindicato para pagar uma ação trabalhista.

Utilizando sua larga experiência como gestora de uma escola pública de 700 alunos, ela buscou “sempre com muita coragem, mas com os pés no chão” alternativas para manter a estrutura sindical funcionando. Ao longo de três mandatos como presidente, Sueli resolveu as pendências financeiras e ainda aumentou o patrimônio do sindicato em mais de R\$ 1 milhão. A receita encontrada foi não esmorecer. “Você não pode deixar de lutar”, lembrou.

O segundo depoimento foi da produtora rural Carla Rosato, de Santa Mariana (Norte Pioneiro), que há 20 anos administra a propriedade da família. “No meu caso venho de uma sucessão por opção. Sempre quis administrar nossas propriedades”, conta. Nessa jornada, a busca pela autonomia nos serviços da propriedade foi perseguida sempre com muito planejamento e dedicação. Foi assim que ela convenceu o pai a investir em máquinas e equipamentos para modernizar a operação. “Sou fã de agricultura de precisão, acredito que temos que produzir bem na área que possuímos”, avaliou. “Eu não me acomodo, estou sempre buscando melhorar. Se a pessoa se dedicar, ela aprende. Que mais mulheres agarrem com a mesma dedicação esse projeto da comissão das mulheres”, convocou.



Logomarca feita a várias mãos

Um momento muito esperado durante a transmissão *online* foi a apresentação, em primeira mão, da logomarca da Comissão Estadual de Mulheres da FAEP. No final de fevereiro deste ano, 15 participantes da Comissão, de diversas regiões do Paraná, se reuniram em um *workshop*, em Curitiba, durante o qual se encarregaram do planejamento estratégico das ações.

Nesse encontro, por meio de uma dinâmica de grupo, elas, de forma conjunta, deram início à criação da logomarca da Comissão, que será veiculada nos materiais do colegiado, impressos e eletrônicos.

Para a criação, as participantes foram divididas em três grupos, cada um responsável por produzir a ideia inicial para uma logomarca. As três ideias foram encaminhadas para o Departamento de Comunicação do Sistema FAEP/SENAR-PR, onde três designers diferentes se dedicaram a transformar as ideias das participantes em peças gráficas. O resultado foram três logomarcas diferentes (uma idealizada por cada grupo), mas todas com o mesmo conceito central: a força e a união feminina no campo.

Dentre as três, uma foi escolhida para representar a Comissão Estadual de Mulheres da FAEP. A escolha levou em conta os elementos visuais que melhor representam o espírito e os propósitos da Comissão. “Nossa logomarca tem a terra, que é nosso bem mais precioso, de onde tiramos nosso sustento. Temos mulheres de mãos dadas, representando nossa união, força e vitória. E elas estão em um círculo, para mostrar que as mulheres precisam se ajudar mutuamente”, afirmou Lisiane Czech, coordenadora da Comissão.



Paraná pede R\$ 277 bi em recursos no Plano Safra 2021/22

Propostas foram enviadas ao Mapa pela FAEP, sindicatos rurais, Fetaep, Ocepar e Seab. Documento também elenca linhas prioritárias



A FAEP, Fetaep, Ocepar, Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seab) e sindicatos rurais do Paraná enviaram um documento ao governo federal em que pedem que o Plano Safra 2021/22 contemple recursos da ordem de R\$ 277 bilhões. Encaminhada no dia 5 de março, a proposta também elenca as linhas prioritárias do setor agropecuário no que diz respeito a custeio, comercialização e investimento. Tradicionalmente, as entidades paranaenses encaminham suas demandas ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) antes do início de cada safra, com o objetivo de contribuir com a elaboração do plano.

“O importante é que tenhamos o aumento do volume de recursos mas também a melhor alocação, principalmente em investimento. Por isso, as entidades estabeleceram linhas prioritárias”, ressalta Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR. “Vale lembrar que o setor agropecuário foi determinante para a economia do país no ano passado e, mesmo em um período de pandemia, teve superávit, com R\$ 871,3 bilhões em Valor Bruto de Produção e mais de US\$ 100 bilhões exportados”, acrescenta.

O Paraná defende que, do total de recursos pleiteados, R\$ 209 bilhões sejam alocados em programas de custeio e de comercialização. Para uma das principais linhas, o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp), a proposta é de destinação de R\$ 40 bilhões. Para financiar o

Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), as entidades paranaenses reivindicam R\$ 23 bilhões. Além disso, o documento solicita um aumento do teto de enquadramento do Pronaf e o aumento do limite de contratação de custeio.

“Em razão do aumento dos preços e dos custos de produção, esse ajuste no enquadramento se faz necessário. Produtores que eram do Pronaf acabarão se desenquadrando do programa por causa desses aumentos se o teto não for ampliado”, observa o coordenador do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, Jeffrey Albers.

Nas linhas de investimento, o Paraná pediu a destinação de R\$ 68 bilhões. O documento estabeleceu como prioridades os programas de Incentivo à Irrigação e à Produção em Ambiente Protegido (Moderinfra), de Incentivo à Inovação Tecnológica na Produção Agropecuária (Inovagro), Programa ABC e Programa de Construção e Ampliação de Armazéns (PCA).

“No caso da estocagem, por exemplo, precisamos aumentar os investimentos, porque a nossa safra cresce anualmente e não temos, proporcionalmente, esse avanço de capacidade de armazenagem. Precisamos tanto de armazéns de passagem, quanto para estocar de modo que o produtor possa comercializar no melhor momento”, aponta Albers.

Além disso, o documento também dá destaque para o Programa de Subvenção ao Seguro Rural (PSR), para



o qual são reivindicados R\$ 1,5 bilhão. Na avaliação das entidades paranaenses, essa política de gestão de riscos é estratégica na medida que representa uma proteção não só ao produtor rural, mas ao setor como um todo. O Paraná é o Estado que mais contrata seguro rural.

Juros

Para todas as linhas, as entidades do Estado também defendem a redução de um ponto percentual na taxa de juros. Também neste sentido, a proposta é que o Plano Safra contemple o aumento de R\$ 11,3 bilhões para R\$ 15 bilhões dos recursos destinados à equalização da taxa de juros – dinheiro a ser injetado como compensação às instituições bancárias, para manter a taxa de juros controlada ao produtor rural nas linhas de crédito, custeio e investimento.

O documento também apresenta uma proposta para ampliar a captação de recursos voltados à agropecuária: o aumento do direcionamento ao setor do volume captado por meio das Letras de Crédito Agropecuário (LCAs). Hoje, as instituições financeiras que emitem as LCAs são obrigadas a destinar apenas 35% do arrecadado ao setor. A reivindicação do Paraná é de que pelo menos 50% dos recursos sejam aportados no financiamento da agropecuária.

Confira os principais pedidos do Paraná para o PAP 2021/22

Volume de recursos:

Total: R\$ 277 bilhões

- **Custeio e Comercialização:** R\$ 209 bilhões
 - Pronaf: R\$ 23 bilhões
 - Pronamp: R\$ 40 bilhões
- **Investimento:** R\$ 68 bilhões
- Redução das taxas de juros em 1,0 ponto percentual;
- Aumento de R\$ 11,3 bilhões para R\$ 15 bilhões para equalizações de taxa de juros;
- R\$ 1,5 bilhão para PSR;
- Aumento de recursos para linhas de investimento prioritárias: Moderinfra; Inovagro; Programa ABC e PCA;
- Aumento de recursos captados pelas LCA's de 35% para 50%;

Pronaf:

- Aumento do limite de renda anual para enquadramento de R\$ 415 mil para R\$ 500 mil;
- Aumento do limite de contratação de custeio de R\$ 250 mil para R\$ 300 mil.



ACESSE O ARQUIVO COMPLETO

É fácil!

- Aponte a câmera do seu celular para o **QR Code**, acesse o link e baixe o arquivo. Caso não funcione, baixe um aplicativo leitor de QR Code.
- Ou assista ao vídeo da matéria no nosso site sistemafaep.org.br



Novo prazo para regularização na dívida ativa da União

Produtores podem aderir ao Programa de Retomada Fiscal de 15 de março a 30 de setembro. Renegociação pode ser feita pela internet



A Procuradoria-Geral da Fazenda Nacional (PGFN) reabriu os prazos para cadastro no Programa de Retomada Fiscal. A iniciativa permite que produtores rurais inscritos na Dívida Ativa da União possam regularizar suas pendências, desde que o objeto de negociação não ultrapasse o montante de R\$ 150 milhões. O prazo foi estendido em razão de a pandemia do novo coronavírus ter afetado “a capacidade de pagamento dos contribuintes”. A adesão pode ser feita entre 15 de março a 30 de setembro.

Lançado no ano passado, o programa estabeleceu a possibilidade de “transação excepcional na cobrança da dívida ativa da União”. Nesta categoria, o programa oferece descontos e condições especiais para recuperação da situação fiscal do produtor rural. Entre as modalidades de transação excepcional, estão débitos em dívida ativa relativos ao crédito rural, Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural) e o Impostos sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR). Todo o processo de renegociação será feito pelo site do programa: www.regularize.pgfn.gov.br.

O Programa Retomada Fiscal descreve como um dos principais objetivos da medida “assegurar que a cobrança dos créditos inscritos em dívida ativa seja realizada de forma menos gravosa para os devedores pessoa física”. Sobre pessoas jurídicas, os termos usados na portaria vão na linha

de “ajustar a expectativa de recebimento à capacidade de geração de resultados dos devedores”.

Em ambos os casos, são definidos procedimentos para constatar o que chamaram de grau de “recuperabilidade dos créditos” em dívida ativa, a partir da verificação da situação econômica e da capacidade de pagamento dos devedores inscritos. Os créditos serão classificados em quatro níveis de risco:

- Tipo A: créditos com alta perspectiva de recuperação;
- Tipo B: créditos com média perspectiva de recuperação;
- Tipo C: créditos considerados de difícil recuperação;
- Tipo D: créditos considerados irrecuperáveis.

Serviço

Os produtores com dúvidas sobre o processo de adesão ou então se devem ou não aderir ao programa de transação excepcional, podem procurar informações com coordenador do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, Jeffrey Kleine Albers, pelo telefone (41) 99196-4865 ou jefrey.albers@faep.com.br.



Conselho dos produtores de cana-de-açúcar, açúcar e álcool do Estado do Paraná / **CONSECANA-PR**

RESOLUÇÃO Nº 12 - SAFRA 2020/2021

Os Conselheiros do Consecana-Paraná reunidos no dia 25 de fevereiro de 2021 na sede da Alcopar, na cidade de Maringá, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprovam e divulgam a projeção do preço da tonelada de cana-de-açúcar básica para a safra de 2020/2021, que passam a vigorar a partir de 01 de março de 2021.

PROJEÇÃO DE PREÇO DA CANA-DE-AÇÚCAR - MÉDIA DO PARANÁ - SAFRA 2020/21 (PREÇOS EM REAIS À VISTA)

PREÇO DOS PRODUTOS - PVU (SEM IMPOSTOS)

Produtos	Mix	Média
AMI	1,95%	61,53
AME	46,90%	62,37
EAC - ME	0,81%	1.990,21
EAC - MI	21,80%	2.076,50
EA - of	0,07%	2.181,86
EHC - ME	1,58%	1.896,16
EHC - MI	23,03%	1.737,71
EH - of	3,87%	1.846,20

Obs: 1) EAC - ME + MI + of 22,67% 2.073,74
EHC - ME + MI + of 28,48% 1.761,23

PREÇO LÍQUIDO DO ATR POR PRODUTO

Produtos	Mix	Média
AMI	1,95%	0,6976
AME	46,90%	0,7101
EAC - ME	0,81%	0,7002
EAC - MI	21,80%	0,7306
EA - of	0,07%	0,7676
EHC - ME	1,58%	0,6962
EHC - MI	23,03%	0,6380
EH - of	3,87%	0,6779
Média		0,6962

Obs: 1) EAC - ME + MI + of 22,67% 0,7296
EHC - ME + MI + of 28,48% 0,6467

PROJEÇÃO DO PREÇO DA CANA BÁSICA R\$/TON 121,9676 Kg ATR

	CAMPO	ESTEIRA
PREÇO BÁSICO	76,02	84,91
PIS/COFINS	-	-
TOTAL	76,02	84,91

Maringá, 25 de fevereiro de 2021

ANA THEREZA DA COSTA RIBEIRO / Presidente

DAGOBERTO DELMAR PINTO / Vice-presidente

O MITO DA CAIXA DE PANDORA

História da mitologia grega busca explicar como a curiosidade arruinou a humanidade, dando origem a todos os males, dores e sofrimentos

A mitologia grega, por meio da criação de narrativas fantásticas, busca explicar fatos atrelados à vida humana e à natureza. Além disso, tais lendas foram importantes instrumentos para a preservação da história da civilização grega, baseada na crença e no culto à diversos deuses.

O mito de origem, conhecido como Caixa de Pandora, busca explicar a existência dos males que assolam a humanidade. A expressão é muito utilizada quando se quer fazer referência a algo que gera curiosidade, mas que é melhor não ser revelado ou estudado, sob pena de se vir a mostrar algo terrível e que possa fugir de controle. Mas você sabe como esse mito foi criado?

Os gregos também utilizavam a história para mostrar como a curiosidade, quando sem cautela, pode ser negativa. Tal lenda começa em uma época onde não existiam mortais, apenas deuses e titãs, e envolve a história de Zeus e os irmãos Prometeu e Epimeteu.

Prometeu e Epimeteu eram titãs, que juraram lealdade à Zeus e aos deuses olímpicos e ficaram ao seu lado durante

a guerra travada contra os titãs. Como recompensa por sua lealdade, Zeus permitiu que ambos criassem as primeiras criaturas para viver na Terra. Epimeteu foi rápido. Criou os animais e deu a cada um deles uma habilidade especial e uma forma de proteção. Prometeu demorou mais tempo para cumprir sua missão, moldando o homem do barro e da água. Quando terminou, já não havia proteção restante para dar ao homem, pois seu irmão havia usado todas. Prometeu, então, pediu permissão a Zeus para deixar o homem utilizar o fogo, o que foi negado – o fogo pertencia apenas aos deuses.

Prometeu, no entanto, convencido de sua ideia, roubou o fogo dos deuses e entregou aos mortais. Assim, ele assegurava a superioridade dos homens sobre os animais. Enfurecido pela afronta e desobediência, Zeus decidiu vingar-se de Prometeu e da humanidade. Prometeu foi acorrentado ao Monte Cáucaso, onde foi condenado a passar a eternidade preso. Diariamente, um abutre viria comer seu fígado, e, toda noite, seu fígado se regeneraria e a ave voltaria no dia seguinte.





Zeus também acreditava que os homens deveriam ser punidos, por terem aceitado o presente de Prometeu. Mandou então que, com a ajuda de Atena, Hefesto, o deus ferreiro, criasse a primeira mulher à imagem dos deuses. Cada um deles dotou-a com uma de suas características: Atena, deu o sopro de vida e habilidade com os trabalhos manuais, Afrodite, a beleza e o poder da sedução, Apolo, uma voz suave e Hermes, a persuasão. Assim, a mulher recebeu o nome de Pandora (aquela que tem todos os dons).

Pandora foi enviada a Epimeteu como um presente de Zeus. Prometeu, antes de ser condenado, alertou o irmão quanto ao perigo de se aceitar presentes dos deuses. Epimeteu, no entanto, ignorou a advertência e, encantando com a bela Pandora, aceitou o presente e tomou-a como sua esposa. Antes de ser enviada à Terra, Zeus entregou à Pandora uma caixa (uma jarra ou ânfora, de acordo com diferentes versões) como presente de casamento, mas com a recomendação de que a mesma não deveria ser aberta.

Chamada de Caixa de Pandora, o objeto era guardado por duas gralhas barulhentas. Pandora, que foi criada para ser curiosa, primeiro convenceu Epimeteu a se livrar das gra-

lhas, e depois de muito resistir, sucumbiu ao desejo de abrir o presente. Ao levantar a tampa, algo terrível aconteceu. A caixa continha todos os males até então desconhecidos pelo homem – a discórdia, o ódio, a inveja, a mentira, a ganância, as doenças do corpo e da alma, a dor, a fome, a pobreza, a guerra e a morte –, e que, neste momento, foram libertados.

Assustada e arrependida, Pandora fechou a caixa novamente, deixando algo preso. Uma voz chamava da caixa, suplicando que fosse solta. Epimeteu concordou que nada que estivesse ali dentro poderia ser pior do que os horrores que já haviam escapado, então eles a abriram mais uma vez. No fundo da caixa, havia restado a esperança (ou segundo algumas interpretações, a crença irracional ou credulidade).

Dessa forma, além de liberar a dor e sofrimento para o mundo, Pandora também liberou a esperança, que permitia enfrentar cada um dos males. Em algumas interpretações, o mito também é responsável pelo ditado “a esperança é a última que morre”. Por outro lado, outras garantem que a Caixa de Pandora não foi aberta uma segunda vez e a esperança continua guardada.

Soberania no tanque

Paraná amplia liderança e se consolida como maior produtor de peixes de cultivo do país

Por Felipe Aníbal

A piscicultura do Paraná continua sua trajetória de, ano a ano, conquistar resultados que permitem consolidar a sua soberania nacional. Mesmo ante os reflexos causados pela pandemia do novo coronavírus, a atividade cresceu 11,5% no Estado, em 2020, com produção de 172 mil toneladas pescadas. Absoluto como principal produtor de peixes de cultivo no país, o Paraná ainda ampliou sua liderança no ranking: produziu 130% mais que o São Paulo, o segundo colocado. De quebra, a organização da cadeia produtiva e a disponibilidade de lâminas d'água em abundância trazem uma perspectiva para lá de positiva. A tendência para os próximos anos é de que a piscicultura paranaense continue crescendo, levando cada vez mais peixe à mesa de consumidores brasileiros e de outros países.

Os dados constam do Anuário Peixe BR 2021, que traz um mapeamento da atividade em todo o país em relação ao ano anterior. Segundo o levantamento, o setor teve um início de 2020 difícil. As vendas despencaram mesmo na Semana Santa, considerada o "Natal" da piscicultura, preocupando os diversos elos da cadeia produtiva. Na segunda metade do ano, no entanto, a atividade decolou. Foi o melhor semestre desde o começo da série histórica (2014). Com a recuperação, a produção brasileira cresceu 5,9%, chegando a 802,8 mil toneladas. Sozinho, o Paraná responde por 21% deste montante, o que atesta a força da atividade no Estado. Além disso, em 2020, pela primeira vez a piscicultura ultrapassou a marca de R\$ 1 bilhão gerados em Valor Bruto de Produção (VBP).

"A nossa piscicultura tem se estruturado, com um nível de profissionalização, como referência nacional. Isso é resultado de um esforço integrado dos elos da cadeia, que têm investido e se qualificado e, por outro lado, oferecido um produto competitivo e de qualidade. Temos espaço para crescer", ressalta o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.





96,5%

dos peixes de cultivo produzidos
no Paraná são tilápia

Tilápia: o carro-chefe

O bom desempenho da piscicultura no Paraná está diretamente relacionado à tilápia, considerada o carro-chefe da atividade no Estado. A espécie começou a ser produzida no interior ainda na década de 1980, mas em pequena escala. Por ser um peixe com muito espinho, os produtores enfrentaram entraves na comercialização naqueles primórdios. Na década de 1990, no entanto, o produto passou a ser vendido em filés, agregando valor. Uma das viradas que contribuiu para a profissionalização do setor ocorreu no início dos anos 2000, quando as cooperativas passaram a apostar na tilápia. Com isso, a atividade ganhou em escala e atraiu novos produtores.

Hoje, 96,5% dos peixes de cultivo produzidos no Paraná (166 mil toneladas) são tilápia – o que corresponde a um terço da produção nacional. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado tem 24,6 mil produtores de tilápia, a maioria com produção voltada a cooperativas, como a C.Vale e a Copacol. O Anuário também atribui o crescimento da piscicultura no Paraná à desburocratização do licenciamento ambiental, já que a atividade se desenvolve no Estado, principalmente, em tanques escavados de pequenas e médias propriedades.

“Inúmeros fatores ajudam a explicar a liderança absoluta do Paraná. Temos uma estrutura fundiária com pequenas propriedades com grande número de nascentes, acesso a insumos de alimentação e uma forte estrutura cooperativista, além de acesso a crédito”, diz Guilherme Souza Dias, técnico do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP. “A tilápia é o ‘nelore’ das águas. Ou seja, é uma espécie rústica, de crescimento acelerado e com atributos zootécnicos que a tornam adaptável. Tem uma versatilidade produtiva e de consumo. Vai bem do sashimi ao ceviche”, acrescenta.

O administrador e analista do Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), Edmar Gervásio, destaca que as cooperativas intensificaram sua capacidade de produção e de processamento em 2020, o que foi decisivo para o avanço da piscicultura. Para o especialista, esse foco industrial na produção tem papel determinante para que toda a cadeia produtiva se desenvolvesse, a ponto que o Estado conquistar destaque em âmbito nacional.

“Na última década, especialmente, a atividade passou a ter foco industrial. Tendo como líderes as cooperativas, a piscicultura se torna um negócio em crescimento ano após ano”, define.

Investimento como trampolim

A supremacia do Paraná também se traduz nos investimentos do setor. Em 2020, os piscicultores paranaenses contrataram R\$ 152 milhões em crédito – mais de um terço do total contratado no país. O Estado também lidera o acesso a financiamento para investimentos, com R\$ 29 milhões captados no ano passado para expansão das atividades. Para os especialistas, o acesso a recursos de financiamento da atividade está diretamente relacionado à solidez e ao profissionalismo do setor. Em razão disso, a expectativa é de que a piscicultura continue em expansão no Paraná.

A piscicultura em números

Anuário aponta crescimento de setor e consolidação do Paraná como maior produtor de peixes de cultivo do país

Cinco maiores produtores

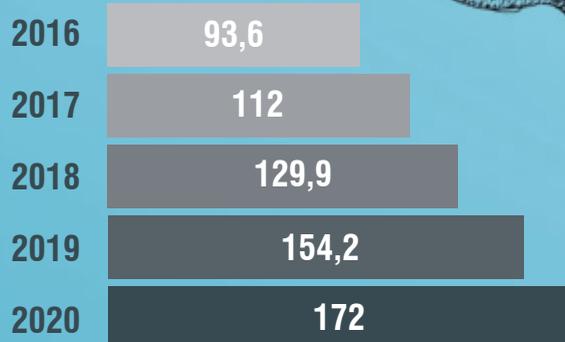
	Volume (em mil toneladas)	Varição anual (%)
Paraná	172	11,5
São Paulo	74,6	6,9
Rondonia	65,5	-4,8
Santa Catarina	51,7	3
Maranhão	47,7	6
Brasil	802,9	5,9

Os maiores exportadores de tilápia

Estados	Arrecadação (em milhões de US\$)	Varição anual (%)
Mato Grosso do Sul	5,9	-10,9
Santa Catarina	1,8	146
Paraná	1,7	32,6
São Paulo	0,5	25,6
Rio de Janeiro	0,2	-15,5

Evolução da produção

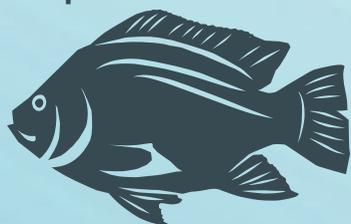
Volume em mil toneladas



Paraná

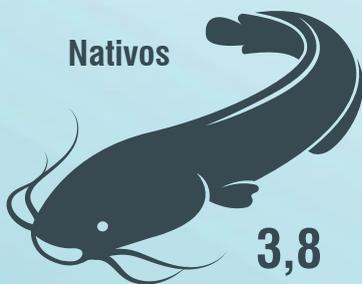
Espécies mais produzidas
(volume em mil toneladas)

Tilápia



166

Nativos



3,8

Outros*



2,2

*Principalmente, carpa,
truta e panga



Fonte: Anuário 2021 - Peixe BR da Piscicultura

Paraná de olho no mercado internacional

Um dos novos olhares para os próximos anos deve ser a exportação. Hoje, o Paraná é o terceiro no ranking de Estados que mais embarcam tilápia para outros países. Mesmo assim, a expansão impressiona: só no ano passado, as vendas externas aumentaram 32%. Essas operações se dão a partir de logísticas bem ajustadas, para o peixe chegue ao destino ainda fresco, em 48 horas. Em novembro do ano passado, o Boletim Informativo detalhou a logística de embarque de tilápias a Miami, nos Estados Unidos, por meio de aviões.

“O mercado de tilápia no Paraná cresce pelo menos 10% a cada ano. Em 2020, não foi diferente, mesmo com os desafios sanitários. A expectativa para os próximos anos é que cresça ainda mais, porque a indústria está investindo pesado, além de gerar mais empregos, oferecer boa remuneração”, aponta Edmar Gervásio, do Deral.

“As perspectivas são de crescimento. Temos um potencial gigantesco de produção e espaço para consolidar a tilápia no mercado internacional. Além disso, temos espécies tropicais que o mundo não conhece, que também podem ser boas alternativas internacionais”, diz Guilherme Dias, DTE da FAEP.

“A tilápia é o ‘nelore’ das águas. Tem uma versatilidade produtiva e de consumo”

**Guilherme Dias, técnico
do DTE da FAEP**

Oeste do Paraná: a "capital" da tilápia

Paralelamente a outras atividades agropecuárias, o produtor rural **Valcir Zanini** cultiva tilápias há mais de dez anos, em Cascavel, Oeste do Paraná. “No começo, eu criava peixe mais por gosto, para o nosso consumo mesmo”, relembra. Nos últimos anos, com apoio da prefeitura, Emater e Sindicato Rural de Cascavel, os piscicultores da região passaram a se organizar. Em 2018, criaram a Associação dos Aquicultores do Oeste do Paraná (AquiOeste). De lá para cá, a entidade ganhou corpo. E não é para menos: segundo o Anuário da Peixe BR, o Oeste do Paraná responde por 90% da tilápia produzida no Paraná.

“Hoje, a associação tem 48 produtores de tilápia. Mas temos outros 50 se cadastrando para começar na atividade, esperando o licenciamento e a outorga da água”, diz Zanini, presidente da AquiOeste. “Nós temos um potencial enorme de crescimento. Temos 60 hectares de lâminas d’água aproveitados pela piscicultura. Mas Cascavel tem 600 hectares que ain-

da podem ser usados na atividade. É uma boa oportunidade, um setor que vem remunerando bem”, acrescenta.

Em Palotina, também na região Oeste, **Edmilson Zabott** cultiva tilápias há 23 anos. Como um dos pioneiros, acompanhou o desenvolvimento da cadeia produtiva. Hoje, ele produz 280 toneladas por ano. O produtor – que também se dedica à avicultura – fala com orgulho da potência que a região se tornou na piscicultura e das perspectivas para o setor nos próximos anos.

“O grande produtor de peixes de cultivo no Brasil chama-se Oeste do Paraná. Somos a capital. Palotina se destaca pelo volume de lâminas d’água, mas não é só: todos os municípios da região, juntos, permitem esse destaque. Foi essa força conjunta que fez com que a gente estruturasse a cadeia produtiva”, aponta. “Tivemos o primeiro abatedouro de peixes do Brasil. Depois, aumentamos a tecnificação e a produção. Agora, com as cooperativas fomentando o setor produtivo, temos um produto ainda melhor, mais competitivo e em maior volume”, acrescenta.



Além das cooperativas, Zanini destaca a atuação da Emater e do SENAR-PR para a consolidação da cadeia produtiva na região. Segundo o presidente da AquiOeste, ambas as entidades levaram conhecimento técnico, por meio de consultorias e de cursos de qualificação oferecidos aos produtores da região. Ele diz que cerca de 150 piscicultores da região já frequentaram capacitações – a mais recente, uma capacitação que abordou novos tratamentos para tilápias.

“No início, muitas pessoas pensavam que era só escavar um tanque e encher de peixes. Tem que acompanhar diariamente o PH, o oxigênio, os nitritos, fazer alimentação no horário certo. O SENAR-PR e a Emater foram e têm sido fundamentais na profissionalização dos produtores da nossa região”, diz. “Quando passar a pandemia, vamos trazer um curso do SENAR-PR para ensinar as cozinheiras de hotéis, restaurantes e as merendeiras a fazerem novos pratos com peixe. Tudo isso ajuda a movimentar o setor”, aponta.



Energia e alimentação são gargalos para o setor

Apesar do bom momento e das perspectivas alvissareiras, a piscicultura do Paraná ainda tem que superar alguns entraves, relacionados aos custos de produção. Um deles é a energia elétrica, já que a produção de peixes depende de aeradores – equipamentos que mantêm a oxigenação dos tanques no período noturno –, que precisam ficar ligados das 19 horas às 7 horas do dia seguinte. Recentemente, o governo do Paraná tornou lei a Tarifa Rural Noturna, que concede desconto de 60% na tarifa da energia consumida em unidades rurais, das 21h30 às 6 horas. O desconto é limitado a 6 mil kilowatts/hora (kw/h).

“Para o piscicultor, o desconto é insuficiente. Todo produtor gasta pelo menos 25 mil kw/h. A gente precisa que o governo entenda que a energia é um dos nossos principais custos de produção e que a piscicultura é importante para a economia do Estado”, destaca o produtor Edmilson Zabott.

A alimentação dos peixes também tem pesado no bolso do produtor. A ração tem como principais insumos o milho e a soja – que vêm com as cotações nas alturas. Por isso, se o piscicultor não se organizar e fizer a gestão do negócio, pode perder renda lá na frente. Para o produtor Valcir Zanini, o segredo é acompanhar o mercado bem de perto. “Hoje, o custo que mais aumentou é o da ração. O produtor tem que ter tudo na ponta do lápis, para não tomar susto”, observa.

Além disso, os produtores que ainda não são integrados podem ter dificuldades – e perder dinheiro – na hora da comercialização. Como o ciclo de produção da tilápia é de nove meses, a recomendação é de que os piscicultores pensem com antecedência na destinação do produto final. Uma boa dica são os contratos prévios de comercialização.

“Em anos anteriores, tivemos produtores que levaram calote de alguns aventureiros que vinham, compravam o peixe e, depois, não pagavam. O produtor que cria por conta pode apostar nos contratos de comercialização, que dão uma segurança. Tem que pensar na comercialização, porque quando o peixe está pronto, o produtor tem um custo desnecessário de deixá-lo no tanque”, disse.

Por dentro das estimativas de safra



Projeções atualizadas constantemente levam em conta uma série de critérios técnicos, para avaliar o desempenho de cada ciclo

Por Felipe Anibal

O agricultor já está acostumado. A todo início de safra, diversos órgãos e consultorias privadas estimam qual será o volume produzido pelas lavouras brasileiras. Ao longo do ciclo – da semeadura à colheita –, esses dados são atualizados, com base, por exemplo, na evolução do plantio, no nível de desenvolvimento das plantas e na eventual ocorrência de sinistros climáticos, que podem causar impacto na produtividade. Essas estimativas, é claro, não são feitas ao acaso: se consolidam por meio de critérios técnicos e de dados coletados a partir de uma rede de atores do setor agrícola. Por que, então, os números variam significativamente de um órgão para outro? Simples: por diferenças na metodologia usada pelas entidades responsáveis por cada levantamento.

Dentre as instituições públicas, fazem a estimativa de safra a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e o Instituto Nacional de Geografia e Estatísticas (IBGE). Nos diversos Estados, cada um tem uma entidade, que faz o levantamento em âmbito estadual – no caso do Paraná, o responsável é o Departamento de Economia Rural (Deral), da Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento (Seab). Em nível mundial, os principais dados são estimados e divulgados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda, na sigla em inglês).

“As diferenças decorrem da metodologia de cada órgão. Essa diferença faz com que os números sejam mais divergen-

tes antes do início da safra, mas a tendência é que eles vão se afinando e fiquem muito próximos, senão iguais, no fim do ciclo. Essa diferença de metodologia se dá em razão dos objetivos de cada órgão. O IBGE, por exemplo, usa os dados no cálculo do PIB [Produto Interno Bruto], enquanto a Conab tem os olhos mais na produção agrícola, mesmo”, explica o analista de mercado Daniele Siqueira, da AgRural.

Enquanto o IBGE faz suas projeções para o ano civil, a Conab elabora sua estimativa para o ano-safra – de julho de um ano até junho do ano seguinte. Com a definição das datas de previsão de início de plantio, a Companhia se volta as perspectivas climatológicas para o período. Os técnicos também levam em consideração o “pacote tecnológico” que os produtores de cada região têm usado nos anos anteriores – o que tem relação direta com a produtividade das áreas.

“Como nós também fazemos o levantamento dos custos de produção, temos o acompanhamento de o que o produtor tem usado: o tipo de tecnologia de sementes, a adubação... Com isso, conseguimos projetar a produtividade, com base nesse pacote tecnológico”, diz o superintendente de Informações do Agronegócio da Conab, Cleverton Santana.

Em seguida, a partir de sua rede em todos os Estados – composta por mais de mil informantes –, a Conab faz o levantamento da intenção de plantio, verificando se haverá os-

ciação da área plantada por cultura. No caso do Paraná, além de técnicos da própria entidade, os informantes são, principalmente, o Deral e cooperativas agrícolas. Com base nesses quatro pontos – perspectivas climáticas, pacote tecnológico, área plantada e médias de produção de anos anteriores –, a Conab faz seu levantamento inicial, a partir de um modelo estatístico adaptável à realidade de cada Estado que remonta a quatro décadas.

“O Deral é uma instituição de excelência, que trabalha com dados muito confiáveis. Seria muito bom se tivéssemos um órgão do nível do Deral em cada Estado”, comenta Santana.

Paraná

No Paraná, o Deral também parte da estimativa de área plantada de cada um dos 399 municípios e das respectivas médias de produtividade. Para fazer esse levantamento, os técnicos coletam informações diretamente nos municípios e regionais, ouvindo fontes de cooperativas, sindicatos rurais e prefeituras. Uma das diferenças é que o Deral leva em conta a produtividade potencial – ou seja, a média entre as faixas de produção máximas e mínimas esperada para cada município. A Conab, por sua vez, trabalha com a produtividade normal, em um modelo estatístico que já prevê perdas em razão de possíveis eventos climáticos. Essa é a explicação para os números iniciais do Deral serem mais otimistas.

“Conforme há a ocorrência de fatores climáticos e a safra vai evoluindo, vai mudando a nossa produtividade esperada e vamos ajustando a produtividade obtida. Essa revisão vai sendo feita constantemente”, aponta o coordenador da Divisão de Estatísticas do Deral, Carlos Hugo Godinho.

Atualização

Como se vê, o trabalho não se encerra no levantamento inicial, mas passa por acompanhamentos e atualizações constantes, com checagem em campo e com a consulta aos setores técnico e produtivo de cada município das 23 regiões do Paraná. “Essas revisões de atualização são feitas semanal e mensalmente. O IBGE utiliza os nossos dados, com a nossa metodologia”, informa Godinho.

A Conab, além de se valer das atualizações promovidas pelo Deral, também faz outros tipos de acompanhamento agrometeorológico: um deles, em que os analistas e técnicos acompanham, semana a semana, o índice de precipitação, as previsões do tempo e as condições de umidade do solo, prevenindo eventuais impactos à lavoura; outro, em que os técnicos fazem o acompanhamento a partir de dados repassados a cada 16 dias e captados por um satélite da Universidade de Maryland, nos Estados Unidos.

“Por fim, analisamos a dispersão de dados e afinamos as estimativas médias, de modo a ter uma média amostral mais homogênea. É um levantamento que já fazemos há 40 anos e que, portanto, nos dá um banco de dados bem estruturado”, aponta Santana.

No mundo

Um dos levantamentos em âmbito mundial mais confiáveis e mais usados pelo mercado é o elaborado pelo Usda. O departamento estadunidense também faz suas projeções com base em dados levantados por órgãos de cada país, refinados por entrevistas com fontes do setor agrícola.

“São os levantamentos mais confiáveis que temos em nível mundial e que são atualizados constantemente. A FAO [Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura] demora anos para atualizar sua base de dados. Então, os do USDA acabam sendo os mais confiáveis”, explica Daniele, da AgRural.

Metodologia da Conab em sete passos

Veja o que a Companhia Nacional de Abastecimento leva em conta para fazer sua estimativa de safra

1º - Previsão: Com a definição do calendário de plantio, técnicos se voltam às perspectivas climatológicas para o período, analisando qual o impacto as condições devem legar à safra;

2º - Pacote tecnológico: Com base em informações do levantamento de custos de produção, técnicos estimam qual o impacto que o pacote tecnológico – como qualidade de sementes e de adubação – deve provocar nas lavouras de cada região, em termos de produtividade;

3º - Intenção de plantio: Técnicos fazem uma projeção da área a ser plantada em cada região, com base na intenção de plantio manifestada por produtores de cada localidade;

4º - Médias históricas: Modelo cruza as informações obtidas nos três itens anteriores com as médias de produção e de produtividade de cada estado, estabelecendo a primeira estimativa para a safra;

5º - Acompanhamento agrometeorológico: Técnicos fazem o acompanhamento constante das culturas, de duas formas: a partir da análise de níveis de chuva e de umidade do solo; e de dados das lavouras, captados por um satélite. Com essas informações, companhia estima eventuais impactos nas estimativas;

6º - Rede de informantes: Companhia continua acompanhando o monitoramento feito por órgãos estaduais – como o Deral, no Paraná –, que leva em conta entrevistas com cooperativas, sindicatos rurais e prefeituras, além de levantamentos em campo;

7º - Análise de dispersão: Por fim, periodicamente, a companhia faz a análise de dispersão dos dados, afinando as estimativas médias, de modo a ter uma amostra mais homogênea.

Economia e autonomia

Após curso do SENAR-PR, produtor de Francisco Beltrão passou a fazer manutenção na colheitadeira da família

Em toda safra, a colheitadeira da família Brufatti precisa de manutenção e de um ou outro reparo. Algo normal para esse tipo de implemento agrícola. O problema é que a cada visita do mecânico, os produtores rurais gastavam de R\$ 4 mil a R\$ 10 mil. Em janeiro deste ano, no entanto, Edson Paulo Brufatti, de 40 anos, fez o curso de manutenção em colheitadeiras, oferecido pelo SENAR-PR, em Francisco Beltrão, no Sudoeste do Paraná – onde a família mantém uma propriedade com 70 hectares de soja. Desde então, o próprio Brufatti tem feito as regulagens na máquina. Além de eliminar os gastos com mecânicos, a família ganhou em autonomia.

O curso teve duas partes (teórica e prática). O módulo de conhecimentos práticos, aliás, foi realizado na propriedade dos Brufatti. O instrutor do SENAR-PR e os alunos se debruçaram sobre a colheitadeira da família, da marca John Deere. Em razão das restrições impostas pela pandemia do novo coronavírus, os alunos se revezaram em turnos, de modo que só tivesse dois participantes por período. Entre os saberes aprendidos no curso, está a regulagem de diversos componentes da colheitadeira, como a do côncavo e do sem-fim da plataforma.

“Logo depois do curso, eu já comecei a fazer as regulagens que o instrutor tinha ensinado. Já sei fazer toda essa parte básica. Já fui com a colheitadeira para a lavoura e ela teve um bom desempenho”, diz Brufatti. “Anteriormente, tinha que chamar mecânico. E eles nem explicam direito o que estão fazendo, o que precisa ser feito, porque querem que tu fiques dependente. Agora, faço eu mesmo. Estou livre”, acrescenta.

Segundo o Sindicato Rural de Francisco Beltrão, os nove alunos que concluíram o curso deram retorno positivo e já manifestaram interesse em aprofundar conhecimento em outras capacitações oferecidas pelo SENAR-PR. “O instrutor mostrou tudo



Ao fazer as regulagens, Edson Brufatti passou a economizar entre R\$ 4 e R\$ 10 mil

o que precisava ser feito e mais um pouco. Ele fez um trabalho muito bom, como se fosse de pai para filho. Não deixou uma dúvida”, diz o presidente do sindicato, Leoclínio Brufatti (pai de Edson).

O curso de manutenção em colheitadeiras faz parte de uma seção do catálogo de capacitações do SENAR-PR vinculados à prestação de serviços. São títulos que não estão diretamente relacionados à atividade fim do produtor rural, mas que visa sua autonomia em todas as etapas do processo produtivo. Ou seja, o SENAR-PR se volta não só a técnicas e conhecimentos aplicados à produção rural em si, em suas diversas cadeias produtivas, mas a também atividades indiretas, que fazem parte do dia a dia nas propriedades rurais.

“O SENAR-PR procura oferecer soluções para todas as fases da produção, desde o diagnóstico e planejamento até o manejo e, em alguns casos, a comercialização. Estamos com o produtor antes, durante e depois da produção”, define o gerente do Departamento Técnico (Detec) do SENAR-PR, Arthur Piazza Bergamini. “São inúmeros títulos, como de elétrica e na área de mecanização, que ajudam o produtor a ter essa autonomia. Essa autonomia se dá em dois casos: quando o produtor se torna apto a fazer esses servi-

ços na propriedade; ou quando ele adquire conhecimentos para avaliar um serviço que é prestado”, completa.

Edson Brufatti já concluiu cerca de 15 cursos do SENAR-PR. Entre eles, muitas capacitações relacionadas a sua atividade agrícola – como de silagem e classificação de grãos –, mas também títulos de áreas transversais, como de manutenção em tratores. “São conhecimentos que são aplicados diretamente na propriedade rural. São coisas que o produtor precisa saber fazer”, ressalta.

O presidente do Sindicato Rural de Francisco Beltrão destaca que os cursos do SENAR-PR estão em alta no município. Na avaliação dele, as capacitações nas mais diversas áreas têm relação direta com o desenvolvimento do setor agropecuário na região Sudoeste.

“O SENAR-PR abre as portas para o agricultor se especializar, seja em que cadeia for. Antigamente, as pessoas achavam que sabiam plantar soja. Se fazia de qualquer jeito, sem correção de solo, com rendimento pequeno. Não se utilizava conhecimento. Hoje, não. Hoje, se o produtor não trabalha profissionalmente, a falência é decretada. O SENAR-PR tem um papel enorme na profissionalização da agropecuária do Paraná”, sentencia Leoclínio.



Título de presidente emérito

No dia 20 de fevereiro, Domingos Vela foi condecorado com o título de presidente emérito do Sindicato Rural de Cianorte, na região Noroeste do Paraná. Vela, que esteve por nove anos à frente da entidade, recebeu a placa e uma homenagem na presença da nova diretoria e colaboradores do sindicato.



SENAR-PR para o mundo

No dia 24 de fevereiro, o engenheiro agrônomo Natanel Verburg, de Arapoti, entregou materiais didáticos do SENAR-PR para serem utilizados como apoio em um projeto rural no Togo, país localizado na África Ocidental. Atualmente, Verburg atua como parceiro em ações de assistência técnica e capacitação de recursos no Togo, levando conhecimento e qualificação aos moradores locais.

Sanidade no leite

O setor lácteo do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul vai fomentar o desenvolvimento de um *software* ou aplicativo voltado a auxiliar os três Estados em programas de vigilância, controle e erradicação de doenças como a tuberculose e brucelose. O objetivo é que produtores, indústrias e demais elos da cadeia produtiva tenham acesso facilitado a laudos de exames e outros dados emitidos pelo serviço oficial de cada Estado. A proposta foi apresentada em reunião *online* da Aliança Láctea Sul Brasileira, no dia 9 de março, com a participação de secretários, representantes de federações, agências de defesa animal, produtores e indústrias dos três Estados da região Sul.



Comissão de Agricultura da Câmara dos Deputados

No dia 10 de março, a deputada federal Aline Sleutjes (PSL-PR) foi eleita presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural da Câmara dos Deputados para um mandato de um ano. Aline é professora e, antes de chegar à Câmara, foi vereadora no município de Castro, nos Campos Gerais. Ao longo do mandato, a deputada estreada promete lutar pelos interesses do setor.



ARAPOTI



CASCADEL

CLASSIFICAÇÃO DE GRÃOS

O instrutor Caetano Benassi aplicou o curso “Classificação de Grãos – Trigo” para 10 pessoas, no Sindicato Rural de Arapoti. A capacitação aconteceu no dia 27 de janeiro.

TURISMO RURAL

O Sindicato Rural de Cascavel, em parceria com Adetur Oeste, ofertou, entre os dias 8 e 10 de fevereiro, o curso “Trabalhador em turismo rural – acolhida no meio rural”, aplicado pelo instrutor Renato José Stefanoski a 10 pessoas.



FRANCISCO BELTRÃO



MAMBORÊ

MIP MILHO

No dia 4 de fevereiro iniciou o curso “Trabalhador na cultura de milho – Manejo Integrado de Pragas (MIP)”, promovido pelo Sindicato Rural de Francisco Beltrão. Um grupo de oito pessoas participou da capacitação, cujo instrutor foi José Vescovi.

ROÇADEIRA

Em parceria com fazenda e granja Santa Ana, o Sindicato Rural de Mamborê ofertou o curso “Trabalhador volante da agricultura – operação e manutenção de roçadeira”, nos dias 12 e 13 de fevereiro. Ao todo, sete pessoas foram treinadas pelo instrutor Xisto Roque Pazian Netto.



MANDAGUAÇU

COMBATE AOS INCÊNDIOS

Entre os dias 20 e 22 de fevereiro, nove pessoas receberam o treinamento de “Trabalhador em florestamento e reforestamento – prevenção e combate aos incêndios no meio rural”, com a instrutora Juçana Angela Farina. O curso foi ofertado pelo Sindicato Rural de Mandaguauçu em parceria com a usina de açúcar Santa Terezinha.



NOVA LONDRINA

CORTE POLIVALENTE DE ÁRVORES

Do dia 8 até 12 de fevereiro, o Sindicato Rural de Nova Londrina ofereceu a três colaboradores da Companhia de Melhoramentos o curso “Motosserrista – corte polivalente de árvores”. O instrutor do treinamento foi Qohelet José Ianiski Veres.



UBIRATÃ

MULHER ATUAL

Desde 4 de fevereiro, o Sindicato Rural de Ubatã está realizando o curso “Mulher Atual”. A turma recebeu a visita do supervisor da Regional de Campo Mourão, Josiel do Nascimento. Quem conduz o treinamento é a instrutora Aline Loise Martins junto a 11 participantes. As aulas foram suspensas por conta da pandemia.



RENASCENÇA

ROÇADEIRA PROFISSIONAL

A instrutora Nágila Lavorati Cremasco conduziu, de 10 a 12 de fevereiro, o curso “Jardinagem – implementação e manutenção”. Ao todo, 10 pessoas foram capacitadas. O treinamento foi ofertado pelo Sindicato Rural de Renascença.

VIA RÁPIDA



Cássio Marques de Araújo

Um dos personagens mais famosos criados por Maurício de Souza é o Cascão. O personagem que sofre de hidrofobia e nos quadrinhos está sempre fugindo de um banho, e da água em geral, não se chama Cascão. Em uma revista de 1972 foi revelado que o nome legítimo do personagem é Cássio Marques de Araújo, sendo Cascão apenas seu apelido. Maurício se inspirou em um menino que conheceu em Mogi das Cruzes, município do Estado de São Paulo, e que tinha o apelido de Cascão por ser muito sujo.

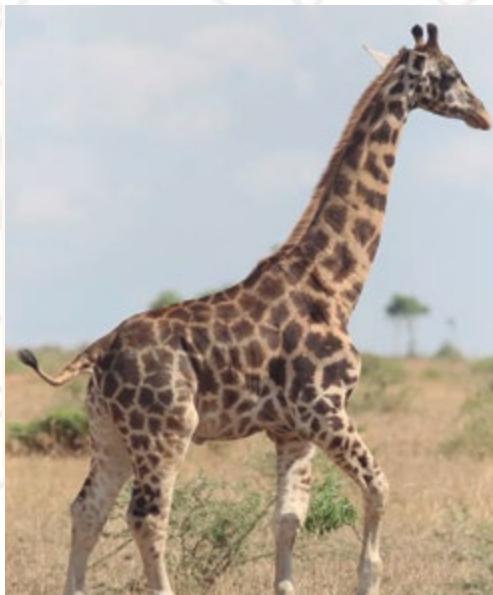


Ceres o primeiro!

O primeiro planeta anão foi descoberto em 1801 pelo astrônomo siciliano Guiseppe Piazzi. Recebeu o nome de Ceres, em homenagem à deusa Ceres (deusa romana da agricultura). É também o menor dos cinco planetas-anões do sistema solar e o que está mais próximo da Terra. Inicialmente, Ceres foi considerado um planeta, posteriormente passou a ser asteroide e, desde 2006, reconhecido como planeta anão. Com apenas 950 quilômetros de diâmetro, Ceres tem massa de 0,015% em comparação ao tamanho da Terra.

Vai uma pimentinha aí?

Carolina Reaper é considerada a pimenta mais ardida do mundo pelo Guinness World Records. Com incríveis 2 milhões de SHU (unidade criada por Wilbur Scoville para medir a quantidade de ardência de uma pimenta), essa pimenta coloca as populares, no Brasil, pimenta-dedo-de-moça (5 mil a 15 mil SHU) e a pimenta-biquinho (1 mil SHU) no chinelo.



Girafa anã

As girafas, em média, possuem cerca de cinco metros de altura. Em 2015, Michael Brown, um bolsista de ciências da conservação, e seus colegas avistaram, no Parque Nacional de Murchison Falls, em Uganda, uma girafa de aproximadamente 2,7 metros. Nas palavras de Brown, “parecia que alguém tinha colocado o pescoço da girafa em um corpo de cavalo”. A girafa foi batizada de Gimli, em homenagem ao anão do filme Senhor dos Anéis. Três anos depois, na Angola, uma girafa ainda mais baixa foi localizada, medindo 2,4 metros de altura. Tratavam-se dos primeiros casos de nanismo registrado na espécie.

Virgem ou extravirgem?



Na hora de comprar azeite, muitas pessoas já se fizeram essa pergunta. A diferença está na quantidade de etapas presentes em seu refinamento. O azeite extravirgem passa por apenas uma etapa de refinamento, sendo a primeira extração do óleo e prensagem da azeitona. Dessa forma possui uma acidez menor e uma quantidade maior de gorduras boas e nutrientes. Já o azeite virgem passa ainda por uma segunda etapa de refinamento e com isso algumas substâncias essenciais e importantes acabam sendo perdidas.



Prova de amor

O Canadense Derek Prue não mediu esforços quando percebeu que a marca de nascença que seu filho possuía, na parte inferior do peito, estava prejudicando a sua autoestima. Vendo que o jovem não se sentia à vontade para tirar a camisa e ser visto em público, Derek tatuou uma réplica da marca de nascença de seu filho para que assim ele não ficasse constrangido e percebesse que aquilo era normal.

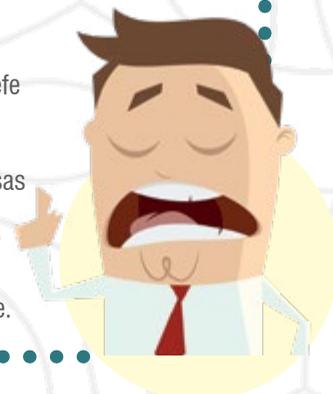


Tímida, mas perigosa

Endêmica da Austrália, a *Oxyuranus microlepidotus*, mais conhecida como Taipan do interior, é considerada a cobra mais venenosa do planeta. Apenas 110 miligramas de seu veneno (produção máxima registrada por uma picada) são suficientes para matar cerca de 100 seres humanos. Apesar de mortal, são cobras extremamente tímidas e nunca foi registrada qualquer fatalidade provocada pela sua picada. Para se ter uma ideia, é tão raro ver uma cobra dessas, que entre 1879 e 1972 não houve registro de avistamentos da espécie.

Dívidas

Cheguei, sério, para o meu chefe e falei:
-Seguinte patrão, me dá um aumento, pois tem três empresas correndo atrás de mim!
Responde o patrão: É mesmo? Quais?
-A de água, de luz e do telefone.



UMA SIMPLES FOTO



QUER RECEBER NOTÍCIAS DO AGRONEGÓCIO E DO SISTEMA FAEP/SENAR-PR NO SEU CELULAR?

Cadastre o número **(41) 98815-0416** e mande seu nome, cidade e atividade.



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

